

CRISE ECONÔMICA

A situação é grave

A palavra de ordem, agora, é cortar gastos. Pág. 3

Jornal da UNESP

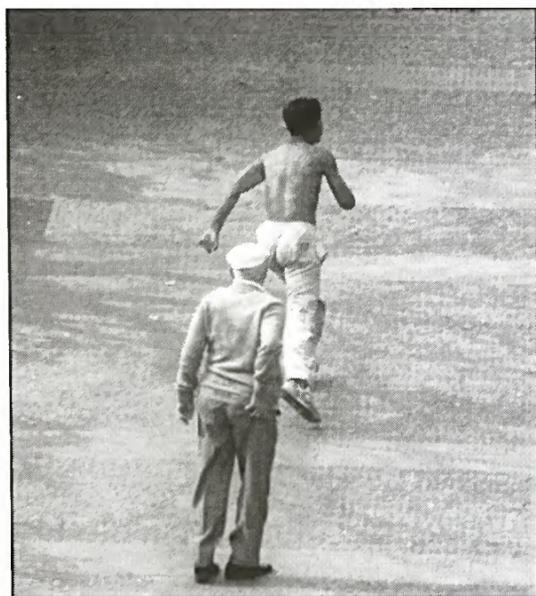
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JAN.-FEV./99 - ANO XIV - Nº 132



Hélicia Tolh

SEM DESTINO

Solitários, sem passado ou futuro, os andarilhos erram pelas estradas em busca de liberdade. Págs. 6 e 7



Luz Naves/Folha Imagem

O mapa do crime

Como a violência se distribui pelas cidades. Pág. 10

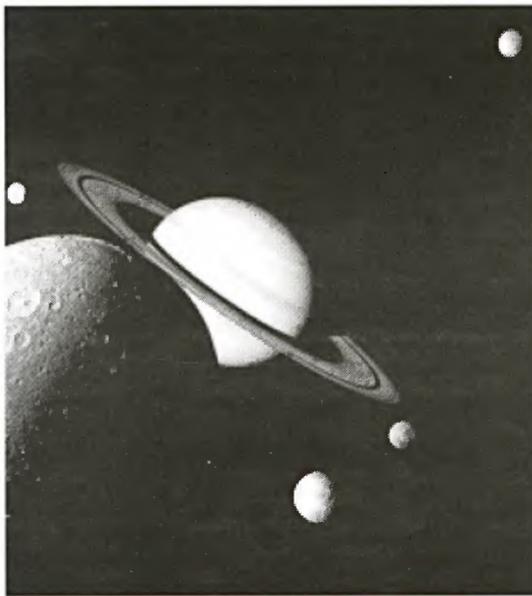


Imagem NASA

O milagre da vida

Descoberta possibilidade de vida em Titã, satélite de Saturno. Pág. 5



Reprodução

Amores ilícitos

Mulheres nos tribunais, em processos de crimes por sedução. Pág. 12

SAÚDE

Inofensiva ao homem, benéfica às plantas e mortal para o mosquito da dengue. Pág. 4

MÚSICA

Grupo de Percussão grava CD com compositores das três universidades paulistas. Pág. 11

O novo Plano de Carreira

JOSÉ MUNHOZ FERNANDES



A concepção de trabalho vem evoluindo com a própria História. Sua terminologia, originária do latim *tripalium*, três paus, instrumento utilizado para castigar escravos, trazia a noção de empenho, sacrifício e mesmo tortura para se atingir determinados objetivos através do trabalho.

Desse conceito de sobrevivência e busca de meios para satisfazer necessidades básicas, o trabalho, hoje, além de ser uma atividade humana primordial, pois define nosso sentido de existência, constitui-se no principal contexto moldador dos seres humanos dentro de um processo maior, o de socialização do indivíduo.

Em suas pesquisas e publicações, o professor José Carlos Zanelli, da Universidade Federal de Santa Catarina, afirma que o trabalho é de fundamental importância para o homem, pois através dele a pessoa se sente útil à sociedade e à própria vida. Mesmo hoje, com a sociedade não sendo mais capaz de garantir a todos a oportunidade de trabalho, muito menos de trabalho satisfatório, cresce a cada dia o desejo de maior participação, autonomia e envolvimento nas decisões que afetam o indivíduo em seu ambiente de trabalho.

Assim, as organizações que oferecem boas condições de desenvolvimento profissional e pessoal aos seus colaboradores terão indivíduos motivados. Em caso contrário, semearão colaboradores desmotivados e descomprometidos com os objetivos organizacionais.

Estas possibilidades de desenvolvimento profissional são normalmente traduzidas por planos de carreira, mais ou menos atrativos, dependendo da base formada por mecanismos de avaliação de desempenho. Neste aspecto, encontram-se hoje três tipos de organizações. Primeiro, as que não oferecem nenhum plano de carreira. Segundo, organizações que implantam os chamados planos de carreira "tradicionais". Finalmente, organizações que buscam uma nova concepção de carreira para seus colaboradores, vencendo o medo do desconhecido e criando mecanismos reais de desenvolvimento profissional.

Depois de duas experiências vivenciadas, a UNESP parece agora avançar bastante em relação a esta questão. Após quase oito anos de exaustivas discussões, o novo sistema retributivo foi implantado em julho do ano passado, com várias inovações.

Entre os três mecanismos de evolução previstos - promoção, progressão e acesso -, reputamos o acesso como o mais inovador, pois possibilita à UNESP, com base na autonomia universitária, gerenciar seus recursos humanos de forma mais dinâmica. Com o acesso, o servidor, mediante o surgimento de vaga e processo seletivo especial, obedece a um sistema de trajetórias, poderá ascender às carreiras superiores, mudando de função e crescendo profissionalmente, o que antes era praticamente impossível.



A UNESP inova também ao implantar o Sistema de Acompanhamento e Desenvolvimento Profissional - ADP -, espécie de coração do novo plano de carreira, que irá subsidiar os três mecanismos de evolução. Baseado nas premissas da Administração por Objetivos - APO -, o sistema de ADP considera o planejamento com as pessoas e não para as pessoas, criando, sobretudo, um ambiente de diálogo entre servidor e superior imediato.

Os professores Fermin González e Sonia Alemany Ramos, do Ministério da Educação Superior de Cuba, testemunharam, em artigo recente, o sucesso da implantação da Administração por Objetivos na maioria das universidades cubanas, mas sem as características de vínculo à carreira profissional, dada a realidade política, econômica e social do país, onde os salários fixos e outras legislações limitam aspectos relacionados aos recursos humanos. Com a APO se demonstrou, segundo os autores, ser possível lograr sucessos na aplicação de programas para a eficácia e o aperfeiçoamento da administração universitária.

A literatura administrativa confirma que as organizações mais avançadas são aquelas que consideram seus recursos humanos como o patrimônio mais importante. O conhecimento profissional já é considerado "capital intelectual". Nessas organizações, a relação de submissão é transformada em relação de parceria, baseada na confiança e na competência. Os gerentes são facilitadores, que orientam e criam condições necessárias de comprometimento com os objetivos organizacionais, característica de um novo paradigma organizacional, calado que é no respeito pelo indivíduo.

Este novo modelo de desenvolvimento profissional, que ora a UNESP busca através do ADP, permite trazer desempenhos fracos ou regulares para níveis de excelência, melhorando o nível de relacionamento servidor-superior imediato. É necessário para tanto uma mudança na nossa cultura organizacional. A universidade, considerada um tipo de organização complexa, possui as condições necessárias para esse tipo de mudança, como a autonomia, o ambiente democrático e suas características

peculiares de centro de excelência na disseminação do conhecimento.

Neste sentido, o professor Antonio Niccoló Grillo, da UFSC, pesquisando as universidades brasileiras, afirma, em recente publicação, que elas ainda não encontraram modelos administrativos específicos às suas peculiaridades, sobretudo quando se trata da administração de pessoal. Muito embora tenham autonomia para formular seu próprio planejamento, poucas são as que acrescentam diretrizes inovadoras.

A implantação de um sistema de desenvolvimento profissional acompanhado, se bem assimilado por todos os servidores, principalmente em nível gerencial, pode ser um grande passo para essa mudança, pois deve propiciar relações de trabalho mais humanizadas e a identificação de necessidades de treinamento e aperfeiçoamento. Essa assimilação tem sido o grande objetivo dos encontros de profissionais de recursos humanos, que vêm sendo realizados pela CRH, cuja sensibilização já se iniciara nas camadas hierárquicas superiores da universidade.

Na nossa modesta concepção, a implantação de um sistema de desenvolvimento profissional acompanhado, como é o ADP, deve ser encarada também como um salto qualitativo na busca da melhor capacitação do quadro de servidores técnicos e administrativos da UNESP, visando a prestação de serviços públicos cada vez mais eficientes e de boa qualidade. Oferecer, porém, as condições necessárias para que todos os aspectos que envolvem o plano de carreira sejam viabilizados, como a fixação do subquadro e da estrutura administrativa, por exemplo, é fundamental para que um projeto inovador como este seja colocado em prática, possibilitando o surgimento de reais oportunidades de desenvolvimento profissional.

José Munhoz Fernandes é servidor técnico-administrativo no câmpus de Bauru e mestrando em Administração, área de concentração Gestão Institucional, linha de pesquisa Políticas e Administração Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina.

CARTAS

REFERENCIAL

A cada nova edição do *Jornal da UNESP* que recebo, comprovo a seriedade e o cuidado com que são tratados os diversos temas abordados. O Núcleo de Estudos e Pesquisa em Administração Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC -, inclusive, tem usado as reportagens como um referencial do que vem sendo feito na UNESP, em termos de ensino, pesquisa e extensão.

Pedro Melo, pesquisador do NUPEU da UFSC, Florianópolis, SC.

MAPA DAS ONGS

Li com bastante atenção a reportagem *Em defesa da vida*, publicada na edição de julho, nº 126, do *Jornal da UNESP*, sobre um grupo de pesquisadores do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de Rio Claro. Recentemente, fiz uma reclamação à Companhia Paulista de Transporte Metropolitano sobre o atraso de trens no bairro de Interlagos, em São Paulo. Eles me responderam que "qualquer melhoria poderá provocar maior adensamento de pessoas na região, que, por fazer parte da área de proteção aos mananciais, contrariaria os ecologistas". Gostaria de discutir essa questão com entidades ambientalistas, mas elas se escondem. Não sei a quem procurar. Por isso, o trabalho de mapeamento das ONGs que a UNESP e as universidades norte-americanas de Auburn e Temple estão desenvolvendo é importantíssimo. Gostaria muito de ver o mapa das ONGs, quando ele estiver pronto.

Alexandre Saramelli, São Paulo, SP.

REPERCUSSÃO

Parabéns pela reportagem *Onde mora o perigo*, publicada na edição de outubro, nº 129, do *Jornal da UNESP*, que mostra minha pesquisa que mapeia as regiões do Estado de São Paulo onde se situam as áreas de maior risco de intoxicação por agrotóxicos. O texto teve grande repercussão aqui no câmpus de Rio Claro. Lígia Celoria Poltronieri, geógrafa do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de Rio Claro, SP.

PROXÊMICA

Como faço para entrar em contato com o psicólogo Sandro Caramaschi, entrevistado na reportagem *A ciência do não-me-toques*, publicada na edição de novembro, nº 130, do *Jornal da UNESP*? Meu interesse se deve ao fato de Caramaschi dedicar-se à mesma área que eu, ou seja, a proxêmica, que estuda a relação do ser humano com o espaço que o cerca.

Silvana Venâncio, Departamento de Educação Motora da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, SP.

Escreva para: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Departamento de Psicologia, Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube s/nº, 17033-360, Bauru-SP. Ou ligue para: (014) 230-2111.

BIBLIOTECA DO FUTURO

Por meio da reportagem *A biblioteca do futuro* chegou, publicada no *Jornal da UNESP*, nº 130, tomei conhecimento do OCLC/Online Computer Library Center. Sou bibliotecária da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí (ESEFJ) e gostaria de saber como me associo a essa instituição americana que facilita o acesso a informações bibliográficas no mundo todo.

Rita de Cassia Berolino Silva, Jundiaí, SP.

Entre em contato com Glaucia Maria Oliveira Barbosa de Almeida, responsável pela Coordenação Geral de Bibliotecas, pelo telefone (011) 252-0374 ou pelo fax (011) 252-0208.

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araraquara), Wellington Dinelli (FO-Araraquara), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araraquara), José Roberto Ernandes (IQ-Araraquara), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avollo (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hentz (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Messias

Meneguette Junior (FCT-Presidente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Sívio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Eurípedes Alves da Silva (Iblice-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira e Oscar D'Ambrosio
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Hélcio Toth
Colaboraram nesta edição: Alejandro Fabian e Tânia Bellickas (reportagem); Regina Agrella (fotografia) e Osvaldo (ilustração)

Produção: Mara R. Marcato e Patrícia do Carmo
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 15.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207.
e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

A palavra de ordem é cortar gastos

Com a crise econômica e a queda na arrecadação do ICMS, tornou-se imperativo adequar as despesas à situação financeira

A crise econômica do País, que vem se aprofundando nos últimos meses, acabou por levar o quadro financeiro da Universidade a uma situação bastante grave. Ao longo de 1998, a queda constante na arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e de Serviços (ICMS) do Estado de São Paulo fez com que o repasse às universidades públicas paulistas ficasse aquém do previsto no início daquele ano. Em dezembro, o problema se agravou: a previsão de arrecadação estadual era R\$ 1,6 bilhão, mas entrou para os cofres do Estado R\$ 1,391 bilhão.

Essa queda repercutiu nas universidades em janeiro. Em dezembro, foram creditados para a UNESP R\$ 37,5 milhões (2,3447% sobre o R\$ 1,6 bilhão previsto). Como a arrecadação foi menor, na verdade couberam à Universidade R\$ 32,6 milhões (2,3447% sobre o R\$ 1,391 bilhão efetivamente arrecadado). A diferença – R\$ 4,9 milhões a menos – a Secretaria da Fazenda descontou da Universidade em janeiro. Assim, em vez de receber R\$ 33,1 milhões, como estava esperando, o valor creditado para a

UNESP foi de R\$ 28,2 milhões. Para se ter uma idéia da situação, a soma de todos os itens de pessoal para janeiro montava a R\$ 32,7 milhões. Com isso, o comprometimento da folha bruta com o valor repassado pelo Estado foi de 116%. “Se não tivéssemos recursos reservados para serem usados em situações de emergência, dificilmente a UNESP teria salgado a folha de janeiro”, afirma o professor José Jorge Gebara, assessor chefe de Planejamento e Orçamento (APLO) da Reitoria. “O problema é que esta reserva se esgotou, dada a queda nos repasses, e, portanto, não temos a que recorrer.”

Para aumentar o caixa e diminuir o déficit financeiro da UNESP, da USP e da Unicamp, o Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp) está tentando, junto ao Governo do Estado, fazer com que as universidades recebam o montante de recursos referente a 1998, por conta da Lei Kandir. Esta lei, criada em 1997, isenta do ICMS alguns produtos destinados à exportação. Para compensar a previsível queda da arrecadação, o Governo Federal se compro-

meteu a um repasse financeiro aos governos estaduais baseado nas perdas sofridas com o impacto da Lei Kandir. As universidades estaduais, assim, também teriam direito a este repasse, dentro dos 9,57% do ICMS que lhes cabe legalmente.

Segundo dados oficiais, o Governo do Estado já teria recebido, por conta da Lei Kandir, R\$ 112.407.658,00, entre janeiro e junho de 1998. Ou seja, as universidades já deveriam ter recebido exatos R\$ 10.757.413,00, correspondentes à parte que lhes cabe. Nenhum centavo, porém, foi repassado para as instituições. “Os reitores estão fazendo gestões junto ao governo, com o objetivo de as universidades receberem esta verba, especialmente para que a folha de pagamento dos próximos meses não seja comprometida”, explica Gebara.

Enquanto esta questão não é solucionada, a Reitoria da UNESP está tomando providências no sentido de adequar os gastos da Universidade à situação financeira atual. No início de fevereiro, a comunidade recebeu um comunicado com uma série de medidas já tomadas e outras que estão sendo estudadas para o caso

de a conjuntura econômica continuar piorando (veja texto abaixo). “São medidas baseadas em estudos feitos pela Administração Central, mas esperamos que as mais drásticas não precisem ser levadas a efeito”, afirma Gebara.

Na reunião ordinária do dia 25, o Conselho Universitário da UNESP avalia o orçamento da Universidade para este ano e decide sobre cortes estudados e sugeridos pela comissão de orçamento do Conselho de Administração e Desenvolvimento (CADE). Prevê-se, porém, que 1999 será um ano repleto de discussões sobre a busca de alternativas que minimizem os gastos da Universidade. “Temos vários problemas estruturais na UNESP”, alerta Rogério Luiz Bucelli, do Grupo Técnico de Planejamento Estratégico da Aplô. Como exemplos, ele cita o pagamento de precatórios, o peso dos inativos no total da folha, a manutenção do Hospital das Clínicas, em Botucatu, e o crescimento autônomo da folha, por conta de vantagens decorrentes de evolução funcional. “Precisamos encontrar alternativas, coletivamente, para que as atividades-fim da Universidade não sejam ainda mais comprometidas.”

À COMUNIDADE DA UNESP

O sistema universitário público paulista, do qual a UNESP faz parte, já está sentindo um forte impacto causado pelo agravamento da situação econômica e financeira do País.

A arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS –, que já vinha sendo, ao longo de 1998, menor do que no ano anterior, e caía nos últimos meses, sofreu queda inesperada e brutal no mês de dezembro. Com isso, o repasse para as universidades, em janeiro, foi **muito** – mas **muito mesmo** – menor do que o previsto. Não há indicadores de que fevereiro ou março mostrem melhor quadro; pelo contrário. **A situação é, portanto, gravíssima.**

Ao receber menos recursos, a UNESP se vê **obrigada** a conviver – esperamos que temporariamente – com uma série de medidas que resultem em redução de despesas.

A administração central da Universidade, por meio da Reitoria, já tomou algumas providências e vem estudando outras, juntamente com os diretores das Unidades Universitárias. O objetivo central e imediato dessas iniciativas é garantir o pagamento integral dos salários.

Entre essas medidas, estão as seguintes:

1. JUNTO AO GOVERNO DO ESTADO:

a) Gestões, desde o dia 5 de janeiro, para que o Governo do Estado não recolha a diferença entre o previsto e o realizado dos recursos financeiros, enquanto não se definam e se cumpram os repasses devidos à suspensão dos efeitos da Lei Kandir.

b) Elaboração de documentos destinados ao Executivo e ao Legislativo, que culminam com propostas referentes aos custos com, principalmente, três itens: pagamento de precatórios, manutenção dos hospitais universitários e pagamento dos inativos.

2. INTERNAMENTE:

a) Propostas às fundações (FUNESP, VUNESP e FAMESP), atendidas previamente com sinalizações positivas de encaminhamento aos Conselhos Curadores, para assumirem despesas e compromissos referentes a projetos da Universidade, sejam eles executados pela Reitoria (FUNESP), sejam eles referentes à graduação (VUNESP), sejam referentes ao Hospital das Clínicas (FAMESP).

b) Realização de gestões, por intermédio da PRAD (Pró-Reitoria de Administração), junto a fornecedores para renegociação de contratos de prestação de serviços e de compra de bens.

c) Suspensão de todos os investimentos que implicam recursos orçamentários do Tesouro.

d) Liberação, em fevereiro, para a Reitoria e para as Unidades Universitárias, de apenas 33% do valor de seus adiantamentos, caso sejam negativos os resultados das gestões junto ao Governo do Estado (item 1).

3. ENTRE AS MEDIDAS QUE ESTÃO SENDO ESTUDADAS, DESTACAM-SE:

a) Pagamento direto do vale-refeição aos servidores, o que eliminaria a taxa de administração da empresa prestadora desse serviço.

b) Contenção, represamento ou suspensão de novas contratações e concursos de docentes e de servidores técnico-adminis-

trativos.

c) Redução do número de gratificações de docentes e de servidores técnico-administrativos.

d) Criação de Comissão para aprofundar as discussões sobre captação de recursos extra-orçamentários.

e) Publicação, no Diário Oficial, do conjunto de medidas que sejam tomadas pelo Conselho Universitário e que objetivem contenção ou diminuição de despesas.

Se, por fatalidade, as iniciativas já tomadas ou a serem tomadas não alcançarem os resultados esperados, quaisquer medidas de impacto geral, que interfiram principalmente em salários, serão tomadas em conjunto com as outras duas universidades públicas paulistas, sempre com o prévio conhecimento de suas respectivas comunidades.

Com o objetivo de esclarecer a sociedade, o Cruesp poderá vir a publicar, em jornais de circulação nacional, um comunicado sobre a situação das três universidades públicas paulistas.

Vale reafirmar que, por conta da recessão econômica que o País atravessa, a situação do sistema universitário de São Paulo tornou-se dramática. Devemos, portanto, estar dispostos a fazer esforços extras para continuar oferecendo à sociedade a mesma qualidade no ensino, na pesquisa e na extensão, adotando as medidas necessárias para garantir a sobrevivência das nossas universidades. Com serenidade, bom senso e união.

Antonio Manoel dos Santos Silva
Reitor

Terrível contra os insetos, mas só contra os insetos

Cientistas descobrem fórmula inócua ao homem, benéfica às plantas e mortal ao mosquito da dengue

Vale tudo na guerra contra a dengue. Da homeopatia às velas repelentes, do extermínio de fontes de águas paradas à formulação de sais que combatem as larvas. Transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, de origem africana, é a virose urbana mais difundida no mundo e causa náuseas, febre aguda e, em casos mais graves, provoca hemorragias, levando à morte. No verão, o perigo cresce sensivelmente. O aumento da temperatura e da umidade favorece a procriação do mosquito. O calor ajuda também a diminuir o tempo de incubação do vírus da dengue no organismo do inseto. Portanto, há em circulação, no período, mais mosquitos capazes de transmitir a doença. Em janeiro deste ano, só no Estado de São Paulo, por exemplo, foram notificados 175 casos de dengue, o dobro do ano passado.

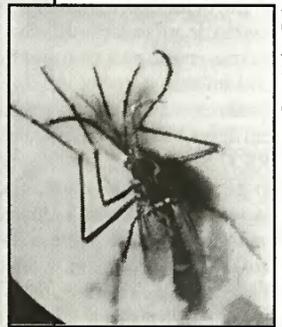
Pesquisadores da Faculdade de Medicina (FM) e do Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Botucatu da UNESP integram um time de primeira do Ministério da Saúde, que pesquisa métodos alternativos de combate às larvas do mosquito transmissor da dengue. A pesquisa é para a produção e realização de testes de um novo tipo de sal, que elimina as larvas do mosquito depositadas na água dos vasos domiciliares, considerada o principal foco de procriação do *Aedes* na área urbana. A novidade é que, além de combater o mal, o sal deixa as plantas mais viçosas.

FÓRMULA BALANCEADA

“Já tínhamos conhecimento de que as larvas não se desenvolvem em ambiente salino”, explica o engenheiro agrônomo José Figueiredo Pedras, do Instituto de Biociências de Botucatu. “Mas a idéia era encontrar uma formulação que não prejudicasse as plantas, como ocorre nor-



SEGREDO
Madeira e Pedras: antes da divulgação, a patente da descoberta



Fotos Hélcio Toth

malmente”. Em 1996, Pedras, junto com o biólogo Newton Goulart Madeira, estudioso dos hábitos do *Aedes aegypti*, também do IB, e o médico sanitário Carlos Alberto Macharelli, da FM, iniciou uma série de testes usando dezessete tipos de sais – existentes no mercado e indicados para nutrição vegetal – em diferentes combinações. Estes sais foram aplicados em 80 mil larvas criadas em laboratório e sobre vasos de violetas africanas (*Viola odorata*), espécie extremamente suscetível. “Chegamos a três combinações que conseguiram matar as larvas em um prazo de 48 horas, além de ser inócua ao

homem e úteis às plantas”, relata Madeira.

Batizadas de “Substância Nutritiva Osmótica” (SNO), as combinações têm suas fórmulas guardadas a sete chaves. “Antes de divulgá-las, temos que patentear a descoberta”, avisa Madeira. Entre fevereiro e março deste ano, os pesquisadores irão testar a substância em alguns bairros das cidades de Lins e Botucatu, que têm temperaturas médias elevadas durante todo o ano e possuem muitos focos do mosquito, segundo dados da Superintendência de Controle de Endemias (SUCEN). A cada 15 dias, os resultados serão checados. “Não queremos avaliar apenas a substância que mata as larvas,

mas também analisar a receptividade do produto pela dona-de-casa”, explica Macharelli, que está à frente desta etapa do projeto.

Segundo o médico sanitário, a população apresenta resistência ao uso de inseticidas. “Muitos acabam jogando o veneno fora, por não querer ver suas plantas prejudicadas”, conta. “A idéia é propor mudanças de hábito a partir do SNO.” Dependendo dos resultados, o SNO poderá ser adotado em todo o País. “Já recebemos proposta para treinar funcionários do Ministério da Saúde na aplicação e manuseio do sal”, destaca Madeira.

Tânia Belickas

Quem entra na UNESP

tem vaga garantida no Programa

Universitário do Banco Real.

Conheça o programa de vantagens que o Banco Real desenvolveu especialmente para você, universitário.

- Sem comprovação de renda. • 6 meses de isenção nas principais tarifas. • Realmaster*, 10 dias por mês sem juros.
- Cartão Universitário ou Real Visa Múltiplo*.
- RealCap Universitário. • Seguro Real Vida Universitário.
- Crédito Parcelado* para compra de livros. E muito mais!

* Sujeito a análise e aprovação de crédito.



Banco Real

www.bancoreal.com.br



Uma jóia nos anéis de Saturno

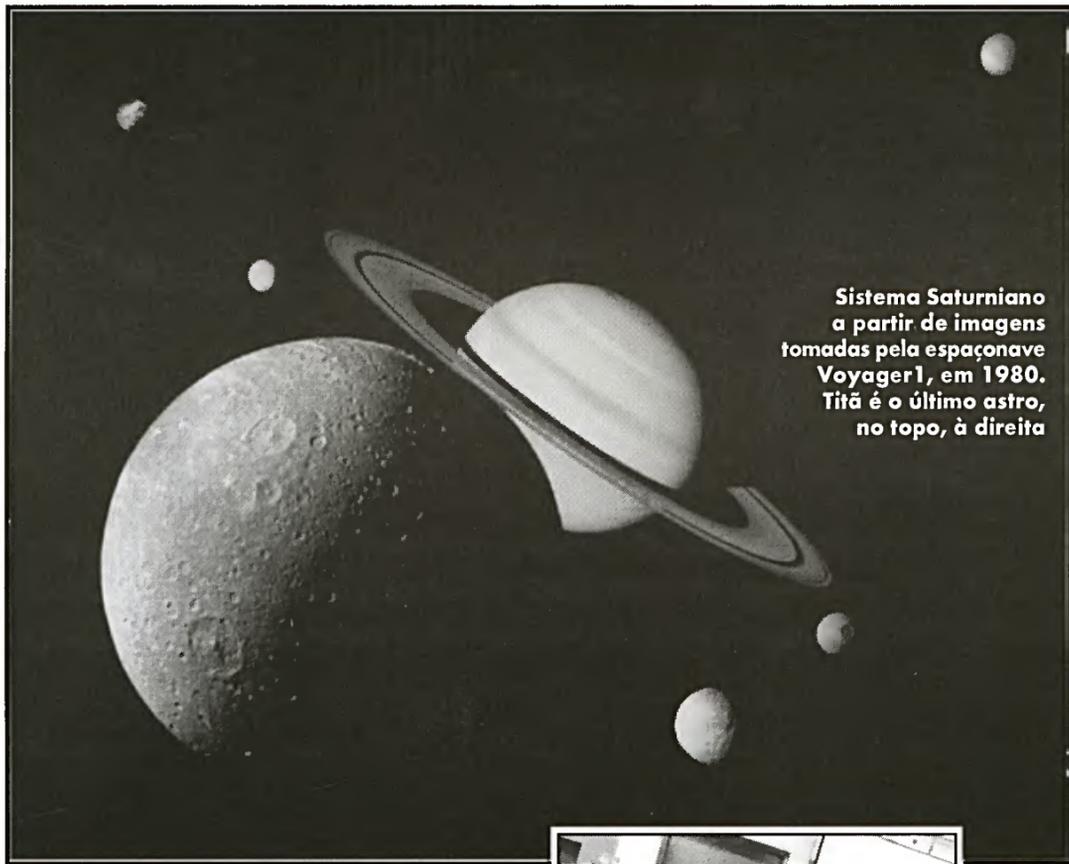
Cientistas da UNESP descobrem possibilidade de vida futura em Titã, o maior dos satélites de Saturno

Um corpo rochoso, gélido e inóspito, com o tamanho correspondente a apenas 0,02% da massa da Terra, quase dez vezes mais distante do Sol do que o nosso planeta e com temperatura, na superfície, de cerca de 94 K (-179 °C) pode ser, quem diria, um celeiro de vida. A descrição é de Titã, um dos dezoito satélites de Saturno, o segundo maior do sistema solar, suplantado somente por Ganimedes, que orbita em torno de Júpiter. A descoberta dessas insuspeitadas características é de pesquisadores do Grupo Acadêmico de Plasma e Aplicações, do Departamento de Física da Faculdade de Engenharia, câmpus da UNESP de Guaratinguetá (FEG), e sua comprovação está nas páginas da revista científica inglesa *Planetary and Space Science* do mês de agosto último.

Sem usar telescópios ou outros instrumentos de observação, apenas com simulações em laboratório, os pesquisadores da FEG previram, há dois anos, a provável presença de vapor d'água em Titã. Feito notável. A descoberta foi feita bem antes que países mais desenvolvidos em astronomia cogitassem do fato. Em meados do ano passado um satélite, lançado pela Agência Européia do Espaço (ESA), confirmou, por meio de observações diretas, que os pesquisadores da UNESP estavam certos. Para chegar a essa conclusão, os físicos e matemáticos da FEG lançaram mão do quarto estado da matéria, o plasma (*leia quadro*) e, com o auxílio de um equipamento chamado espectômetro de massa de alta resolução, reproduziram a atmosfera que se conhece de Titã.

SIMULAÇÃO

Para melhor entender o que eles fizeram, é preciso antes saber que este satélite de Saturno é o único corpo no sistema solar, com exceção da Terra, que tem atmosfera densa, composta principalmente de nitrogênio e metano, acrescida de outros componentes menos importantes, como etano, monóxido de carbono e outros hidrocarbonetos. Partindo da hipótese de que essa atmosfera estaria sujeita à entrada de cometas e restos de



Sistema Saturniano a partir de imagens tomadas pela espaçonave Voyager 1, em 1980. Titã é o último astro, no topo, à direita

Imagem NASA

centígrados – , como aconteceria de fato se houvesse a entrada nesse mundo de cometas com água em sua composição. “Só é possível atingir essa temperatura, em laboratório, porque o plasma é mantido confinado por campos magnéticos imensos”, esclarece o físico Rogério Pinto Mota, coordenador da pesquisa. O resultado foi o surgimento de compostos pré-bióticos, como álcoois e ácidos orgânicos, além de compostos aromáticos. “Estes elementos são fundamentais para a formação de aminoácidos, que são a base da vida”, explica Mota. “Por isso poderiam, futuramente, promover o aparecimento de vida na superfície de Titã.”

O raciocínio baseia-se no fato de que a atmosfera de Titã é muito parecida com a da Terra primitiva, de há 4 bilhões de anos. E pode, supõe-se, ter uma evolução parecida – em laboratório, essa possibilidade confirmou-se. Desse experimentos resultou o aparecimento de um composto, de

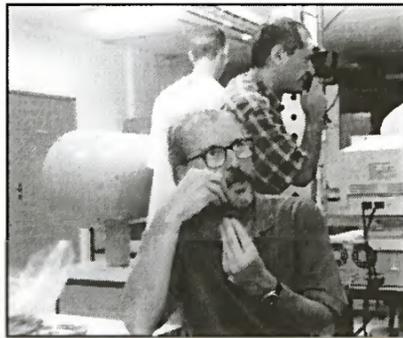
cor amarronzada, chamado *tolina*, barro em grego, que revela a presença de vapor d'água. “É justamente essa a cor característica do satélite”, conta Mota. “Por isso, podemos concluir que existe vapor d'água em Titã.”

Outros estudos estão sendo encaminhados no sentido de melhor diagnosticar estes compostos pré-bióticos e analisar possibilidades de formação de outros. “Estes resultados abrem novas perspectivas de especular sobre um possível surgimento de vida em Titã”, diz o físico e médico Luiz Fernando Nascimento, outro pesquisador do grupo. “A temperatura do satélite deverá se elevar com a evolução do Sol, que se transformará numa estrela gigante e vermelha, engolindo planetas e fazendo de Titã o continuador da vida no sistema solar.” Algo para um futuro remoto. A expansão solar está prevista para daqui a cerca de cinco bilhões de anos. Loucura pensar que nossa espécie, como nós a conhecemos hoje, ainda estará aqui. Mas é um conforto para os visionários, que se contentam em saber que o milagre da vida no universo, seja em que canto for, ainda será possível em tempo infinitamente tão distante.

Evanildo da Silveira

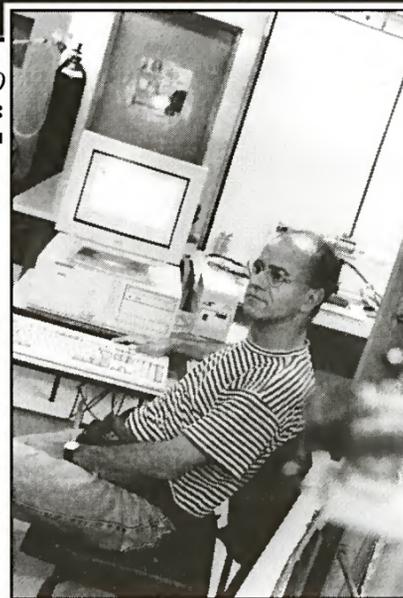
DEDUÇÃO
O coordenador Mota: vapor d'água

PROBABILIDADE
Nascimento: vida possível em Titã



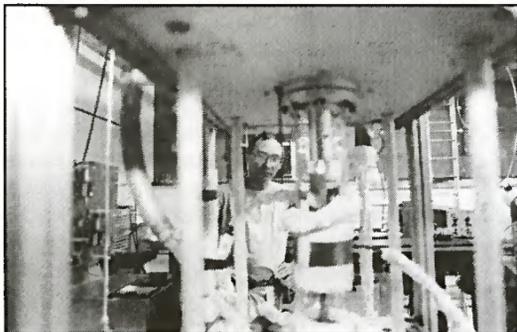
Fotos Regino Agrella

gelo oriundos de Saturno, os cientistas da UNESP imaginaram que um choque com um desses corpos poderia gerar vapor d'água e outros elementos essenciais à formação da vida. Para confirmar a hipótese simularam, em labora-



tório, um desses cataclismas: a entrada de um cometa com água em sua composição.

A simulação foi feita submetendo a atmosfera presumida de Titã a descargas elétricas de altíssima voltagem – de até 3 milhões de graus



Kayama: lâmpadas fluorescentes e flash

Plasma, indispensável no micromundo

Para todos nós, o mundo que nos rodeia e as coisas que nos cercam se apresentam em três formas: sólidas, líquidas ou gasosas. São os três estados fundamentais da matéria, que constituem nossa vida no dia-a-dia. Mas tudo isso, que vemos, sentimos e tocamos, não é mais do que um por cento da matéria do universo. Há um quarto estado

da matéria, o plasma, que constitui os 99% restantes do que existe e que aparece a partir de 70 km acima de nossas cabeças. É um material precioso, raro na superfície da Terra, extremamente útil e que, felizmente, pode ser reproduzido em laboratório. Estudar, manipular e transformar esse quarto estado da matéria é a tarefa principal do grupo de Plasma e Aplicações da Faculdade de Engenharia do

câmpus de Guaratinguetá, da UNESP.

De acordo com o físico Milton Kayama, podem-se obter todos os estados da matéria aumentando a energia que incide sobre cada um deles. Por exemplo, o gelo passará ao estado líquido se for aquecido. Se receber mais energia, a água – o estado líquido – vai se evaporar e teremos então a mesma matéria no estado gasoso. “Passamos do gelo ao vapor simplesmente transferindo energia do meio ao material”, conclui Kayama. “Então, se por algum outro meio transferíssemos energia ao vapor de água, num processo semelhante ao anterior, cada minúscula parte dele se dividiria em partes ainda menores, até chegar a seus elementos constituintes, hidrogênio e oxigênio.” Se essa transferência de energia continuasse, as partículas atômicas desses elementos começariam a se “fragmentar”, liberando elétrons. Quando a

matéria se encontra neste estado, recebe o nome de plasma.

Toda essa discussão pode parecer muito teórica e sem aplicação prática. Mas não é assim. Além de servir para pesquisas astronômicas, tem aplicações bem terrenas. “Já no princípio do século percebeu-se que o plasma emite luz devido à interação mútua entre suas partículas”, conta Kayama. “Foi dessa constatação que surgiram, por exemplo, as lâmpadas fluorescentes e o flash das máquinas fotográficas.”

Como o plasma é formado de partículas atômicas, todas de tamanho muito reduzido, é também o melhor instrumento para trabalhar no micromundo. “Para confeccionar pequenos circuitos eletrônicos, nada melhor do que a matéria no estado plasma”, ensina o físico da UNESP. “Foi daí que surgiram a microeletrônica, os microprocessadores e os microcomputadores.”

(E.S.)

Com os pés na estrada

Solitários, sem passado ou futuro, os andarilhos erram, sem destino, em busca da liberdade que perderam nas cidades

OSCAR D'AMBROSIO

Sem família ou qualquer fonte de renda, eles fazem das estradas a sua razão de viver. Um indefectível saco lançado às costas, caminham, solitários, sem pressa, de maneira compassada, explorando as margens das rodovias em busca de pequenos objetos ou sobras de comida. Jamais aceitam carona e, para evitar atropelamentos, andam sempre no contrafluxo do trânsito. Na sacola, levam todos seus "bens": uma muda de roupa, uma garrafa de água e uma lona para se proteger contra o frio e a chuva. Não há quem já não os tenha visto perambulando por aí, o olhar esvaído de ansiedade pousado no horizonte. "É muito fácil, por exemplo, distinguir um andarilho de um mendigo", diz o psicólogo José Sterza Justo, do Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis.

Fascinado com aquelas figuras singulares que via zanzando pelo acostamento das rodovias em suas constantes viagens entre Marília, onde morava, e Assis, onde leciona, Justo transformou-as em seu objeto de estudo. "Os andarilhos não são um fenômeno isolado à margem da sociedade, mas talvez a melhor expressão de um mundo em constante circulação, em que nada mais ocupa um lugar fixo", descreve. O interesse de Justo pelos andarilhos surgiu ainda nos anos 80. "No trajeto entre Marília e Assis, de apenas 70 km, comeci a ver aqueles caminheiros solitários e a refletir sobre o que os motivava a levar esse tipo de vida", lembra. "Decidi então passar a entrevistá-los, ali mesmo, na estrada, para conhecer seu cotidiano, suas histórias, seus motivos e o sentido que davam à errância."

CONSCIÊNCIA SOCIAL

Ao longo de sua pesquisa, o psicólogo entrevistou cerca de 40 andarilhos. As observações lhe permitiram identificar quatro diferentes tipos de caminheiros. "Um desses tipos está em busca de trabalho e sobrevive de pequenos bicos ou serviços temporários", explica. "Só pede esmola em casos de extrema necessidade e permanece fixo num local enquanto, por exemplo, a sazonalidade de uma colheita permite."

O que mais chamou a atenção de Justo, que acaba de publicar o artigo "Errâncias e errantes: um estudo sobre os andarilhos de estrada", na antologia *Rumos do Saber Psicológico* (leia nota à pág. 8), foi a consciência social da maioria desses andarilhos, comum aos quatro grupos. "Eles são muito críticos, por exemplo, em relação à mecanização, que lhes tira o emprego nas monoculturas de trigo, cana-de-açúcar e soja", constata. A história desses andarilhos é, de acordo com o psicólogo, quase sempre um caminho sem volta rumo ao desespero. "Perdem o emprego, fazem dívidas, não suportam a pressão da família, começam a beber e ficam violentos", narra.

A medida que vão perdendo seus laços econômicos com o mercado de trabalho, as relações familiares se deterioram. Agressões à esposa e falta de diálogo com os filhos tornam-se comuns. "Gradualmente, eles vão se afastando e começam a buscar emprego cada vez mais longe e a voltar cada vez com menos frequência para casa. No final do processo, simplesmente tornam a estrada seu lar", conta o psicólogo.

Um segundo grupo de errantes vive na mendicância. "Eles não trabalham, geralmente perderam ou rasgaram os documentos e não têm o desejo de se fixar", esclarece Justo. O percurso deles, portanto, é bem mais imprevisível, pois não seguem a sazonalidade das colheitas ou de outro tipo de atividade econômica. Este



ERRÂNCIA
Justo: "Talvez os marginais não sejam eles, mas nós"



DELÍRIO
Excluídos dos sistemas social e econômico e também da lógica



LIBERDADE
Sem saudades de casa ou do tempo em que tinham família



CONSCIÊNCIA
Críticas contra a mecanização, que lhes tira o emprego



Cantelmo: hippies e capitalismo

UM ESTRADIEIRO NA ACADEMIA

Ninguém melhor do que um andarilho para estudar a vida daqueles que perambulam sem destino pelas estradas. Nascido em Niterói, Rio de Janeiro, filho de uma enfermeira e psicóloga que, mochila às costas, colocava os pés na estrada nos feriados e finais de semana, Fernando Cantelmo, 28 anos, levou uma autêntica vida de andarilho entre 1980 e 1994. "Rodei pelo Sul de Minas e Nordeste, vendendo artesanato e fazendo teatro", conta.

Mesmo quando começou a cursar Psicologia na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, em Assis, em 1991, Cantelmo não abandonou sua paixão pela estrada. Nos últimos dois anos do curso, enfocou o tema em pesquisas de iniciação científica orientadas pelo professor José Sterza Justo. "Em 1994, com bolsa do CNPq, entrevistei hippies e, no ano seguinte, com apoio da Fapesp, me dediquei sobre os mendigos

de estrada", conta Cantelmo, que está escrevendo sua dissertação de mestrado sobre como o capitalismo se apropriou da cultura hippie e dos mendigos. "Os hippies produzem hoje artesanato em série, como qualquer indústria, e os bóias-frias já integram a cultura agrícola capitalista", lamenta.

Cantelmo, que arrisca uns acordes na gaita e adora rock, deixou a vida de andarilho em 1994. "Assumi meu lado acadêmico", diz. Fã da literatura beat, principalmente de Jack Kerouac e William Burroughs, julga que o excesso de movimento físico pode levar à estagnação. "Não adianta sair pela estrada vendendo artesanato se a mente estiver estacionada. Hoje, embora viajando muito pouco, estou com a cabeça a mil, pensando em meu doutorado em Sociologia e preparando minhas aulas para os cursos de Psicologia e Pedagogia."

grupo, inclusive, se caracteriza por não sentir saudades da época em que tinha casa e família. "Afirmam que são mais felizes do que nunca, pois se consideram livres", explica o professor. Ao não sofrerem cobranças de patrões, credores ou esposas, vivem o cotidiano com a maior dose de improviso imaginável. "Descansam quando encontram um local seguro e agradável e comem quando alguém lhes dá alimento."

ABANDONO DA LÓGICA

Um terceiro grupo de andarilhos apresenta um perfil que os caracteriza como portadores de doença mental. "São os excluídos não apenas do sistema social e econômico, mas também da lógica e das apreensões da realidade estabelecidas no padrão da chamada normalidade", analisa Justo. "Há, entre esses, psicóticos e neuróticos que fazem da errância o motivo da própria existência. Nas estradas, como não são incomodados, podem delirar à vontade."

Felipe, argentino de 58 anos, é um caso de andarilho delirante. Julga-se o "terceiro Cristo" e considera-se filho do Sol e da Lua, de quem receberia toda a proteção para não ser crucificado. A missão que lhe teria sido atribuída é bem específica: pacificar o mundo. "Felipe acha que tem vida eterna e que cumprirá sua missão caminhando pelas estradas brasileiras", comenta Justo. "Afirmar ainda, como os andarilhos do segundo grupo, que a vida na estrada é boa, porque lá nunca passa fome e encontra ajuda quando necessita."

Outro caso de discurso delirante é o de Dona Quitéria. Ao contrário da maioria dos andarilhos, Quitéria, hoje com 65 anos, há dez faz um percurso fixo, de ida e volta, entre Marília a Araraquara, um trajeto de 225 quilômetros. "É conhecida na região e conta com o carinho de moradores e donos de barracas de frutas. O que mais chama a atenção nela é a sua aparência, pois anda sempre com roupas limpas."

GRAMPO PARA OUVIDO

Ao pedir para Quitéria esvaziar o saco em que leva seus poucos pertences, o psicólogo encontrou bucha, sabão, pente e um grampo "para limpar o ouvido". "Esses utensílios não são comuns entre os andarilhos", enfatiza o pesquisador. Além disso, uma senhora residente num sítio próximo a Assis, que periodicamente oferece pouso a Dona Quitéria, também observou que ela passa a maior parte do tempo lavando roupa e falando de uma "dívida" que teria que pagar.

Embora seja arriscado um diagnóstico, Justo acredita que Dona Quitéria entende sua vida de andarilho como uma missão. "Caminhando pela estrada, ela quitaria essa dívida auto-imputada e se 'limparia' de algum mal que a incomoda", conjectura. "O fato é que ela se julga uma eterna devedora perante uma dívida incombensurável. E se julga perseguida por leões e gerentes de banco." A presença de leões e gerentes de banco não é tão disparatada. "Conversando com Dona Quitéria, percebi que as feras a que ela se refere são, talvez, uma metáfora de um dos maiores perigos que os andarilhos enfrentam: os cães", explica Justo. Quanto aos gerentes de banco, poderiam ser assistentes sociais. "Eles tentam impedir a errância dos andarilhos, fixando-os na cidade ou dando-lhes passagem para outro local."

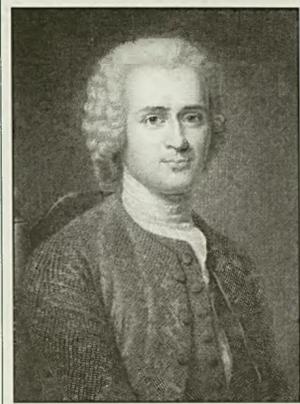
Haveria ainda um quarto tipo de andarilho. "É o que vive passando de um Centro de Triagem do Imigrante para outro. São urbanos, vão de cidade em cidade e, diferentemente dos outros, são associativos", comenta Justo. Eles se deslocam sozinhos, mas bebem em grupo e têm certos pontos de encontro, como

as casas de instituições assistenciais, que distribuem sopas gratuitamente, ou os albergues. "Como não lhes é permitido circular pela cidade, vivem nas estradas e permanecem em uma cidade até serem enviados pelas autoridades para outra."

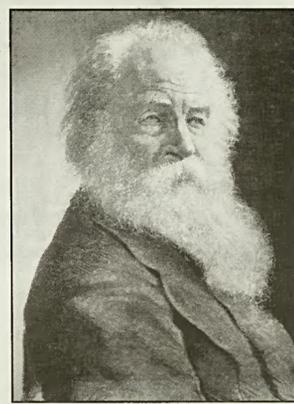
Haveria, hoje, segundo Justo, um grande desenraizamento, e as pessoas tenderiam a se locomover cada vez mais rumo à ampla circulação de dinheiro, mercadoria e, pasmem, afeto. "Entre os jovens, essa nova modalidade de relacionamento, o 'ficar', permite justamente uma migração constante, pois as relações são rápidas e passageiras", diz o psicólogo. "Em contrapartida, 'ficar' é uma prova de estagnação e acomodação psicológica, pois não exige uma transformação individual em busca da construção de um

"nós", rebate o psicólogo Fernando Cantelmo, orientado por Justo, enquanto aluno da FCL, em Assis, em duas pesquisas de iniciação científica (veja quadro).

Mestre em Psicologia Educacional e doutor em Psicologia Social, José Sterza Justo vê os andarilhos como a expressão mais concreta e visual de uma sociedade em que o se mover é cada vez mais importante. "Os errantes são a expressão do nosso tempo. Não há motivo para tratá-los como párias da sociedade. Talvez os marginais à sociedade contemporânea, afinal, não sejam eles, mas nós, que insistimos em manter laços com casa, objetos pessoais, família e emprego. Enquanto precisamos nos fixar, a localização do andarilho é na estrada, em trânsito", conclui.



Rousseau, Whitman e Kerouac: a arte de caminhar por trilhas imponderáveis



LETRAS PEREGRINAS

CLÁSSICOS DA LITERATURA QUE NASCERAM NAS ESTRADAS



Avoregem das estradas, com suas promessas de liberdade e conhecimento, tem atraído em seu vórtice não apenas deserdados e delirantes, exilados e desterrados. Não foram poucos os escritores que, cada qual à sua maneira, deixaram-se arrastar pelo fascínio de trilhas imponderáveis. A tradição das "letras peregrinas" — dos poemas, contos e romances escritos na estrada — é, na verdade, imemorial e venerável, tão antiga quanto a própria literatura. Ulisses, por exemplo, podia não ser um andarilho, mas era, por excelência, um *wanderer* — o homem constantemente à deriva. Alguns dos melhores poemas de Petrarca, da mesma forma, foram escritos em meio às montanhas da Itália e da Grécia. E Jean-Jacques Rousseau concebeu seu grande clássico, *Devaneios de um Caminhante Solitário*, em dez caminhanças "sob a luz solar e a fragrância das florestas", entre 1776 e 1778.

Outro andarilho fulgurante foi Arthur Rimbaud que, entre uma e outra temporada no inferno, antes de perder-se definitivamente nas areias ardentes da Abissínia, traficando armas e escravos, legou-nos versos incomparáveis em suas fugas da provinciana Charleville. Da mesma forma, o escocês R.L. Stevenson iniciou sua carreira, em 1878, com um relato de viagem, o hoje clássico *Travels with a Donkey in the Cévennes* (*Viagens com uma Mula pelas Cévennes*), para redescobrir "aquelas ver-

dades que são reveladas aos selvagens e ocultas aos economistas e políticos". E o polonês de origem ucraniana Joseph Conrad, depois de singrar pelos sete mares e incursionar pelos confins da África, somou pelo menos duas obras-primas à literatura, *Lord Jim* e *No Coração das Trevas*.

No Oriente, as tradições da literatura andarilha também encontraram seus cultores — e que cultores! O mais inspirado deles talvez tenha sido Matsuo Bashō, que em 1684 fez a primeira de suas muitas peregrinações pelo Japão e escreveu *Estrada Estreita para o Norte Profundo*, pontilhado de inigualáveis haicais.

Mas a pátria da "vadiagem poética" parece ser mesmo os Estados Unidos. A começar por aquele que é considerado um dos fundadores das letras americanas, Henry David Thoreau, que corrigiu, em seu leito de morte, em 1862, as provas finais de *Caminhando*, texto iconoclasta sobre, claro, a arte de caminhar. Um conterrâneo e contemporâneo de Thoreau, o poeta Walt Whitman, lhe seguiria de perto os passos, com sua sublime *Canção à Estrada Aberta*. Depois deles, Herman Melville e Jack London, para ficar em dois exemplos, retomaram o tema estradeiro, redescoberto, nos anos 50, pelos escritores beat, sobretudo por Jack Kerouac, autor de *Na Estrada — On the Road*, bíblia de dez entre dez mochileiros.

Paulo Velloso



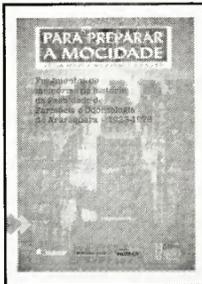
Puxando pela memória

Livro recupera os 76 anos da Faculdade de Odontologia e da Faculdade de Ciências Farmacêuticas do câmpus de Araraquara

Fundada em Araraquara, em 1923, a Faculdade de Farmácia e Odontologia foi desdobrada, em 1976, na Faculdade de Odontologia (FO) e na Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF), que passaram a integrar o câmpus da UNESP daquela cidade, que ainda conta com a Faculdade de Ciências e Letras e com o Instituto de Química. Hoje, a FO e a FCF congregam um universo de cerca de 170 docentes, 420 funcionários e 920 alunos. Para recuperar essa história, Anna Maria Martínez Corrêa, coordenadora do Centro de Documentação e Memória (Cedem) da UNESP, sediado em São Paulo, escreveu *Para Preparar a Mocidade: Fragmentos de memórias na história da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara - 1923-1976* (Editora UNESP, Vunesp, Cedem e Fapesp; 248 páginas; caderno de fotos; R\$18,00; 25% de desconto para a comunidade unespiana). "Essa pesquisa enquadra-se no projeto 'Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo' que, por sua vez, integra um outro projeto, 'Memó-

ria da Universidade', de iniciativa do Cedem", diz a historiadora.

O livro conta como surgiu a Escola de Farmácia e Odontologia de Araraquara, que se transformou em instituição de ensino superior público e em instituto isolado, integrando-se ao Sistema Estadual de Ensino Superior. Discorre ainda sobre os embates acadêmicos da década de 1960 e termina com a incorporação das Faculdades de Farmácia e Bioquímica e da Faculdade de Odontologia à UNESP, em 1976, ano em que as duas unidades passaram a ser as mais antigas a integrar a nova Universidade. "Articulei história local e institucional, usando informações de jornais, atas da Congregação da faculdade e depoimentos de antigos professores, alunos e funcionários, muitos dos quais conheci pessoalmente no tempo em que morei em Araraquara", conta Anna Maria. "Com o passar do tempo, a faculdade, sem deixar de ser um patrimônio local, adquiriu outro perfil, tornando-se mais independente e impessoal."



O fascínio se mantém

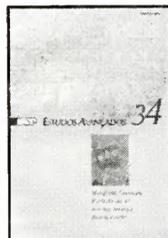
Escrito há 150 anos, por Marx e Engels, o Manifesto Comunista continua despertando paixões

Texto fundador do marxismo, o Manifesto do Partido Comunista, redigido por Karl Marx e Friedrich Engels, completou 150 anos no ano passado. Publicado em Londres como parte da estratégia de divulgação de idéias que buscavam levar os trabalhadores ao poder, tomou-se o texto político mais lido e difundido da história contemporânea. A efeméride, em plena era da globalização e do questionamento do atual estágio do capitalismo, foi objeto de cursos e de numerosas publicações no Exterior e em todo o País. Algumas delas têm a participação de docentes da UNESP. "O Manifesto foi consumido voraz e apaixonadamente tanto pelos que viram nele a ante-sala de uma nova era para a humanidade quanto por seus inúmeros adversários", diz o cientista político Marco Aurélio Nogueira, professor do Departamento de Política da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, autor do artigo "A modernidade e as razões do Manifesto", incluído na revista *Estudos Avançados* (assinatura anual de três edições, R\$40,00), editada pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São

Paulo, que inclui um dossiê sobre os 150 anos do Manifesto, com 15 artigos que buscam responder a uma pergunta proposta pela publicação: "O que está vivo e o que está morto no Manifesto Comunista?".

Uma abordagem original ao mesmo tema é dada pelo sociólogo Marcelo Ridenti, professor de Sociologia na mesma FCL, em "O sucesso no Brasil da leitura do Manifesto Comunista feita por Marshall Berman", texto que integra a coletânea *O Manifesto Comunista 150 anos depois* (Editora Fundação Perseu Abramo e Contraponto; 208 páginas; R\$18,00). Ridenti verifica como Berman, que vendeu, no País, mais de 55 mil exemplares, desde 1986, do livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, reinterpreta o texto de Marx e Engels, retirando dele o conteúdo libertário coletivo em nome de uma interpretação individualista do homem moderno como um ser despidido de qualquer contradição metafísica e forçado a encarar as contradições do mundo. "O Manifesto é um clássico da política e da cultura contemporânea. A prova é que se mantém atual e possibilita uma multiplicidade de novas interpretações", conclui o sociólogo.

MARXISMO
Coletâneas: abordagens originais



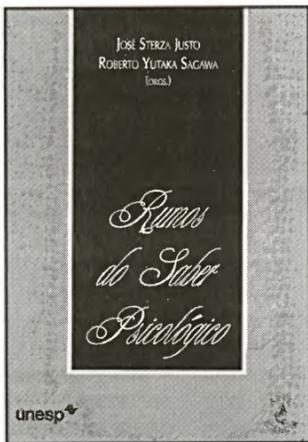
LANÇAMENTOS DE DOCENTES

PSICOLOGIA

Saber diversificado

A construção de novas práticas de saúde mental, representação da morte em crianças portadoras do vírus da AIDS, atendimento interdisciplinar para a obesidade, características farmacológicas do crack e relações entre a escola nova e a psicologia foram alguns dos temas reunidos em *Rumos do Saber Psicológico*, coletânea de artigos, comunicações científicas, palestras e debates realizados durante o I Congresso Científico do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da UNESP, realizado, em 1996, em Assis, interior de São Paulo, em parceria com o Núcleo de Psicanálise de Marília e Região. O volume foi organizado por dois psicólogos que lecionam na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis: José Sterza Justo, do Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar, e Roberto Yutaka Sagawa, supervisor do Departamento de Psicologia Clínica. "Reunimos trabalhos de várias especialidades da psicologia e com diferentes orientações teórico-metodológicas justamente para divulgar a produção científica da Universidade e ampliar o espaço de interlocução com outros profissionais e centros de pesquisa", diz Sagawa.

Rumos do Saber Psicológico - José Sterza Justo e Roberto Yutaka Sagawa (organizadores); Editora Arte & Ciência; 144 páginas; R\$18,00.

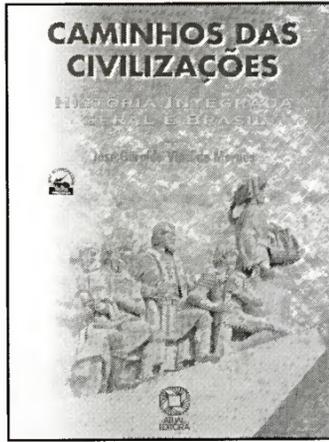


HISTÓRIA

Da Antiguidade aos anos 90

"Veio para contar o que não faz jus a ser glorificado/ e se deposita grânulo/ no poço da memória", diz Carlos Drummond de Andrade, no poema "O historiador", utilizado como epígrafe de *Caminhos das Civilizações - história integrada: geral e Brasil*, do historiador José Geraldo Vinci de Moraes, do Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista, unidade complementar da UNESP, com sede em São Vicente. No livro, o docente valoriza o papel do pesquisador como um desbravador que ressuscita o tempo e o reapresenta aos leitores. Voltada para os conteúdos do segundo grau e as exigências dos vestibulares, a obra enfoca da Pré-história ao Brasil dos anos 90. Ao final de cada capítulo, há indicações para trabalhos a partir de documentos históricos ou de livros clássicos da área, além de indicações bibliográficas e de filmes que buscam desenvolver um trabalho mais dinâmico e enriquecedor em sala de aula. "Essas atividades ampliam os conteúdos estudados e dão uma noção de como se realiza a construção do conhecimento histórico", explica Moraes.

Caminhos das Civilizações - história integrada: geral e Brasil - José Geraldo Vinci de Moraes; Atual Editora; 584 páginas; R\$35,40.

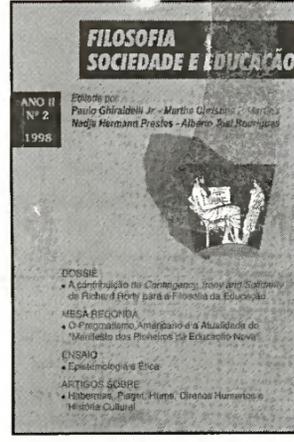


FILOSOFIA

E eu com isso?

Professores de Filosofia podem e, mais do que isso, devem olhar a sociedade e a educação com base em suas amplas leituras. Defensor dessa tese, o filósofo Paulo Ghiraldelli Júnior, professor de Filosofia Contemporânea e Filosofia da Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, integra o grupo "Filosofia, Sociedade e Educação" do curso de Pós-Graduação em Educação da FFC, sendo ainda um dos editores da revista anual *Filosofia, Educação e Sociedade*. "Nossa proposta é cruzar saber e trocar leituras de livros", diz. A publicação reúne um dossiê que discute a contribuição para a Filosofia da Educação do livro *Contingency, Irony, and Solidarity*, publicado pelo filósofo norte-americano Richard Rorty, em 1989, o resultado de uma mesa-redonda realizada na FFC, neste ano, sobre "A Atualidade do 'Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova'", e artigos sobre temas que interessam a filósofos, educadores e sociólogos. "O essencial é que os filósofos comecem a se perguntar o que eles têm a ver com a sociedade e a educação", conclui Ghiraldelli Júnior.

Filosofia, Sociedade e Educação - Grupo de Estudos e Pesquisas "Filosofia, Sociedade e Educação"; Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília; R\$15,00. Informações: (014) 421-1200.



A conquista de igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres ainda é uma batalha árdua. A simples colocação do adjetivo "público" após os dois sexos mostra um universo de conotações totalmente diferentes. Enquanto um homem "público" é objeto de admiração, a mulher "pública" carrega o estigma de depravada. Para rastrear os caminhos desse preconceito, principalmente no século XIX, o jornalista Jean Lebrun entrevistou a historiadora Michelle Perrot, uma das pioneiras no estudo da história das mulheres, área de investigação que está crescendo em todo o mundo, inclusive no Brasil.

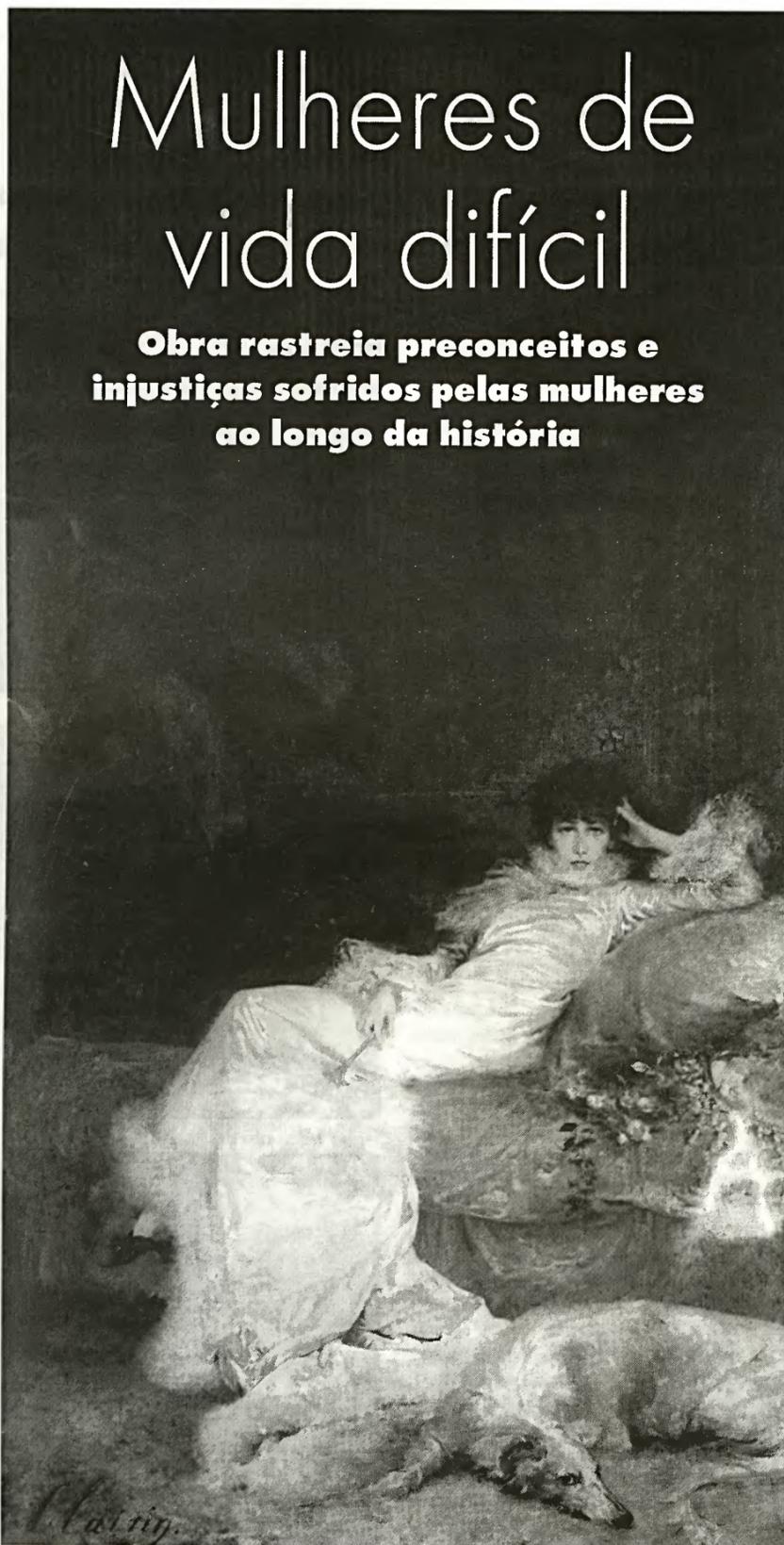
O resultado é *Mulheres públicas*, uma jornada pelo tempo que vai desde o pensamento do sábio grego Pitágoras ("Uma mulher em público está sempre deslocada") até as lutas da mulher por igualdade social e política neste final de século. Sobre elas, recaem sempre as sombras da feiticeira Circe, da desobediente Eva ou das destemperadas Catarina de Médici e Maria Antonieta.

As mulheres são analisadas pelas suas representações imagéticas na pintura, pelos lugares que ocupam no espaço urbano, por aquilo que dizem, pensam e escrevem e pelas suas lutas para conseguir o direito ao voto ou à igualdade de salários. Afinal, se os homens são tradicionalmente encaminhados a ocupar o espaço público e político, as mulheres ainda convivem com o preconceito de estarem limitadas a administrar a casa e o coração. No século XIX, as mulheres já têm um espaço público. Cartazes publicitários e esculturas as utilizam como chamariz e elas ocupam os palcos do teatro, da ópera e dos cafés-concerto. Um paradigma é Sarah Bernhardt, que desfez a confusão entre atriz e cortesã: embora mulher pública, manteve uma auréola de mulher inacessível.

RISCO DE VIOLAÇÃO

Perrot verifica que, tanto na mundana Paris como na vitoriana Londres do século XIX, as mulheres que, sozinhas ou em grupo, freqüentavam espaços públicos eram malvistas. Desacompanhadas, enfrentavam o assédio sexual, o controle policial, a violência urbana e o risco de violação. Por isso, as operárias das oficinas de costura, que encerravam seu trabalho de madrugada, preferiam dormir nas fábricas, em precárias condições de higiene, a voltar para casa à noite sem um parceiro masculino.

Haveria, de acordo com a historiadora francesa, dois espaços na cidade do século XIX. Os homens circulavam no universo político, judiciário, intelectual e esportivo, enquanto restavam às mulheres a lavanderia e os salões de chá. Até a comida era distinta. Para os homens, carne e vinho; para elas, doces açucarados, leite ou chá.



Mulheres de vida difícil

Obra rastreia preconceitos e injustiças sofridos pelas mulheres ao longo da história

Reprodução



Mulheres Públicas, de Michelle Perrot. Editora UNESP; tradução de Roberto Leal Ferreira; 160 páginas; R\$34,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

A atriz Sarah Bernhardt (1844-1923), em álea de Georges Clairin: mulher pública, mas inacessível

Já com a Primeira Guerra, quando os homens foram à frente de batalha, as mulheres ficam na retaguarda e começam a ocupar novos espaços: dirigem bondes e táxis, trabalham em usinas, moldam obuses e manejam maçaricos. No campo, passam a lavar a terra e a vender gado, trabalhos masculinos por excelência.

Embora as mulheres tenham conseguido importantes avanços na esfera política, como o direito ao voto, elas ainda enfrentam preconceito no universo militar e, principalmente, no religioso. Em vista disso, Michelle Perrot defende que o espaço público das mulheres não conheça limites, o que significa uma igualdade e autonomia que se consolida no Ocidente, mas parece cada vez mais longe de iranianas, tibetanas, afegãs e argelinas, reprimidas pelo fundamentalismo religioso.

Oscar D'Ambrosio

"Arte Degenerada": exposição de artistas expressionistas em Munique, em 1937



Um capítulo da história da modernidade estética: *Debate sobre o expressionismo*, de Carlos Eduardo Jordão Machado. Editora UNESP; 280 páginas; R\$28,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.



Reprodução

Política expressionista

Filósofo resgata polêmica em torno do movimento alemão

Caracterizado por uma visão de mundo angustiada, o expressionismo desenvolveu-se na Alemanha com os pintores do grupo *Die Brücke* (A Ponte), no início deste século. Em busca de uma nova concepção visual, redescobriram a arte primitiva e a tradição medieval, com um estilo bastante agressivo e violento, reconhecível pelo irrealismo da cor e as deformações. Porém, além de ser um rico universo estético, o expressionismo motivou intensos debates filosóficos. Alguns pensadores da esquerda, como Georg Lukács, por exemplo, avaliaram que o movimento estava ligado ao nazismo, embora este o tenha rejeitado publicamente com a célebre exposição *Entartete Kunst* ("Arte Degenerada"), realizada em 1937, que incluiu, entre muitos outros, dois quadros de Lasar Segall, radicado no Brasil desde 1923.

Professor de História da Filosofia na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, o filósofo Carlos Eduardo Jordão Machado recupera essas questões em *Um capítulo da história da modernidade estética: Debate sobre o expressionismo*. O trabalho integra a dissertação de mestrado do docente e inclui textos por ele traduzidos, diretamente do alemão, de Ernst Bloch, Hanns Eisler, Georg Lukács e Bertolt Brecht.

Lukács, por exemplo, manifesta seu repúdio ao método de criação expressionista, que concebe a realidade como um caos incognos-

cível, cuja apreensão somente poderia ocorrer pelo extermínio de todas as coisas, totalmente oposto ao raciocínio dialético, organizado e disciplinado do filósofo marxista. Portanto, o expressionismo e o fascismo, para ele, estariam ligados justamente pelo ímpeto irracional de destruição.

As informações sobre a exposição "Arte Degenerada" são assombrosas. Nunca uma amostra "didática" de cunho negativo teve tanto público. Somente em Munique, onde ficou pouco mais de quatro meses, recebeu mais de 2 milhões de visitantes, sendo levada ainda para outras cidades, como Berlim e Hamburgo. Ao todo, foram expostas 730 obras, de um total de quase 16 mil desapropriadas de mais de 110 museus alemães. Entre as telas, acompanhadas de *slogans* que as ridicularizavam, havia quadros de Franz Marc, Kirschenner, Kokoscha, Chagall e Klee.

Ao fornecer esse tipo de informação e contrapor idéias dos principais pensadores do período sobre a arte expressionista, não tanto como estética, mas como proposta política, o livro de Carlos Eduardo Jordão Machado ganha um espaço especial na biblioteca daqueles que desejam conhecer o expressionismo não apenas como um universo de cores quentes e formas distorcidas, mas, principalmente, como um movimento artístico que gerou um intenso debate de idéias na Alemanha.

Alejandro Fabian

O mapa do crime

Ciência nascida da aproximação entre Geografia, Sociologia e Criminologia, a "Geografia do Crime" estuda como a violência se distribui nas cidades

Contam-se nos dedos aqueles que nunca viveram algum tipo de violência urbana, seja o furto de um trombadinha ou um assalto a mão armada. Onipresente, ocorre nas ruas, é vista pela televisão, narrada pelo rádio e debatida em bate-papos e em seminários internacionais. A universidade não fica alheia a essas questões e as estuda para obter um conhecimento que

possa nortear futuras políticas públicas na área de segurança. "Há mais de dez anos investigo as relações entre o criminoso, a vítima e o local em que o crime ocorre, relacionando fatores sociais, econômicos e geográficos", diz a cientista social Sueli Andruccioli Felix, autora da tese *A Geografia do Crime Urbano: aspectos teóricos e o caso de Marília - SP*, defendida no Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de Rio Claro, para obtenção do título de doutora em Geografia.

Professora do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, Sueli é uma das pioneiras, no Brasil, a estudar a "geografia do crime", uma aproximação entre Geografia, Sociologia e Criminologia surgida nos anos 70, nos EUA, mas pouco difundida no Brasil. "No meu mestrado, em 1989, fiz um levantamento bibliográfico sobre a geografia do crime. No doutorado, estudei o caso específico de Marília", conta. Ela analisou cerca de 4 mil boletins de ocorrência e registros de inquéritos das Polícias Civil e Militar da cidade, entre 1985 e 1993. O importante, porém, é que suas conclusões podem ser transportadas para qualquer município. "Conhecer a dinâmica do crime urbano é essencial para buscar formas de melhoria da qualidade de vida dos moradores de uma cidade", analisa.

PANELA DE PRESSÃO

Ao trabalhar com crimes, Sueli encontrou todo tipo de ato ilegal. Um dos mais curiosos foi o roubo de uma panela de pressão que estava cozinhando feijão. "Trata-se de um crime duplamente utilitário, que suscita uma dúvida: o ladrão queria a comida, o utensílio ou ambos?", comenta. Ela lembra ainda que ouviu relatos de pessoas que ficavam de guarda próximas aos varais para que roupas não fossem roubadas enquanto secavam.

Segundo Sueli, o centro da cidade, por abrigar o comércio, apresenta o maior número de crimes contra o patrimônio, enquanto nas regiões periféricas, especialmente nos bairros pobres e favelas, há mais delitos contra pessoas, como lesões corporais e homicídios. "Uma pessoa raramente rouba seu vizinho, mas, em regiões de tensão social elevada, com grande



MAPEAMENTO
Sueli: dinâmica do crime

número de desempregados e precárias condições de vida e de habitação, conflitos são comuns, principalmente nos finais de semana, e costumam estar relacionados ao uso de álcool", explica.

Conhecer a geografia do crime de uma cidade leva ao estudo do cálculo da distância entre o local do crime e a moradia do infrator. Foi possível verificar, por exemplo, que o trajeto que ele percorre é mais longo quando se trata de crime contra a propriedade. "Há um desejo mais exacerbado de anonimato, que somente pode ser conseguido quando se ataca numa região mais afastada da própria residência."

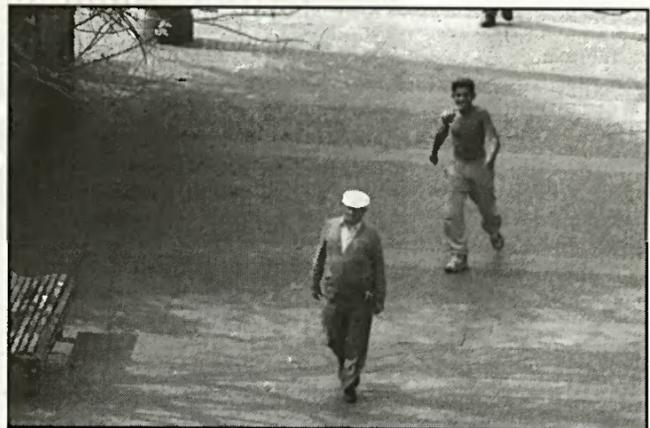
PORTEIROS ELETRÔNICOS

Quando mais planejado o crime, mais o delinquentes se afasta da casa em que mora. "As quadrilhas buscam bancos ou edifícios com altos muros, complexos sistemas de segurança e porteiros eletrônicos", diz a docente. Ela argumenta que a entrada num condomínio de luxo pode ser mais difícil, mas o seu próprio isolamento do mundo exterior beneficia a prática de crimes em série uma vez que foi burlada a segurança daquele espaço.

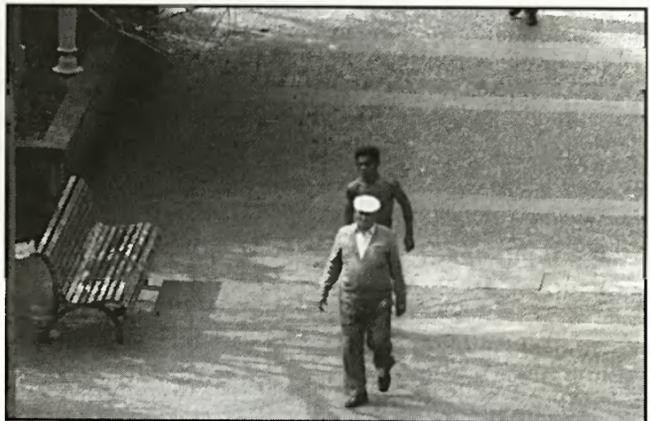
Uma das maiores provas de que o espaço interfere na criminalidade foi a constatação de que ela é menor onde há alta organização do espaço. "Bairros novos, que abrigam muitas pessoas que não se conhecem, apresentam maiores conturbações e mais registros criminais", avalia Sueli. "Esse tipo de observação levou a polícia de Marília a praticar rondas ostensivas nos bairros novos."

Quando começam a surgir as organizações de bairro, as pessoas tendem a se sentir donas do próprio espaço e a criminalidade cai. "Em contrapartida, os criminosos não desenvolvem um senso de comunidade com os vizinhos, já que trocam de moradia a cada dois anos e vivem geralmente em casas alugadas", analisa. "Por isso, desenvolver o conceito de cidadania e de respeito pelo próprio espaço e pelo alheio, principalmente nos bairros mais carentes de infra-estrutura, é uma maneira eficaz de reduzir o número de ocorrências policiais", conclui a cientista social

Oscar D'Ambrosio



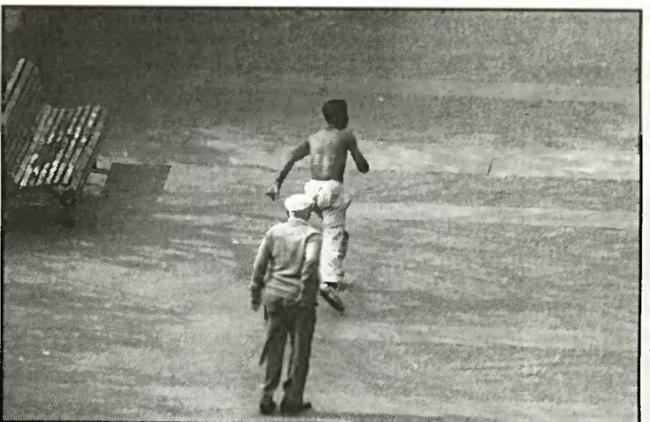
Trombadinha em ação, no centro de...



... São Paulo: região de grande tensão social,...



... caracteriza-se por elevado número de pequenos...



... delitos e por crimes contra o patrimônio

CRIMES DE PAIXÃO

O perfil do criminoso em Marília, segundo a cientista social Sueli Andruccioli Felix, docente da FFC da UNESP, câmpus de Marília, é o de homens brancos, com menos de 40 anos e baixa instrução. "A mulher participa em menos de 10% dos crimes", diz a pesquisadora. "Elas costumam atuar em ações que exijam pouca força física, como furtos e, mais recentemente, comércio de drogas".

Para a docente, a mulher acaba se envolvendo mais em crimes passionais. "Ela

pode ferir ou matar como reação ao assédio sexual, mas raramente planeja um crime e o pratica. Se deseja uma morte, geralmente contrata um matador", diz. Destaca ainda a péssima situação das mulheres sentenciadas. "Elas não têm direito a visitas íntimas ou a amamentar quando estão presas. E costumam ser esquecidas pelas associações de direitos humanos, quando se trata de pleitear reivindicações no sistema carcerário."

(O.D.)

ARROJADOS, ELES MATAM E MORREM

Pesquisa recentemente divulgada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) revelou que cerca de 24,5 mil jovens entre 15 e 24 anos morreram em acidentes de trânsito, homicídios e suicídios em 1996, um número de mortes 20 vezes maior que o causado pela Aids na mesma faixa etária. A informação não surpreendeu a cientista social Sueli Andruccioli Felix, da FFC da UNESP, que pesquisou a criminalidade naquela cidade entre 1985 e 1993. "Verifiquei que pesso-

as com idades entre 18 e 29 anos são responsáveis por quase 70% dos crimes cometidos na cidade", afirma.

Sueli constatou que o jovem costuma participar mais de crimes que exigem arrojo, como o assalto, onde os riscos são maiores. "Quase 70% das vítimas de violência em Marília também são jovens, pois estão entre 15 e 39 anos", conta. "Isso confirma estudos mundiais que apontam a predominância de jovens em incidentes criminais."

(O.D.)

A Geografia, muito além da decoreba

Método valoriza compreensão em detrimento à repetição

OUSADIA
Raimunda: críticas às atividades repetitivas



Hélio Toth

Estudar Geografia significa decorar nomes de mares, rios, capitais e montanhas, o que exige muita memória e pouco raciocínio, certo? Para a educadora Raimunda Abou Gebran, do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, nada mais falso. "Supervalorizar a memória, a repetição e a reprodução de dados, em detrimento do entendimento e da compreensão, é uma tendência superada, mas ainda em vigor", lamenta a docente, que há mais de dez anos pesquisa alternativas para o ensino da disciplina da 1ª à 4ª séries.

Todo esse esforço para criar atividades que levem o aluno a uma maior e melhor compreensão do meio em que vive resultou numa ação pedagógica colocada em prática na Escola Estadual de Primeiro Grau "Lucas Thomás Menk", da rede pública de Assis. "O objetivo foi, desde o início do projeto, em 1991, elaborar e implementar uma proposta de ensino que considere a Geografia uma disciplina que investiga e pesquisa o espaço, buscando relações, contradições e transformações", diz Raimunda, autora da tese de doutorado *Oba, hoje tem Geografia!: o espaço redimensionado da formação-ação*, defendida na Faculdade de Educação da Unicamp.

NOVO CAMINHO

Para Raimunda, atividades como tatear o próprio corpo, olhar-se no espelho, medir-se e pesar-se são o ponto de partida para o aluno se localizar no espaço e no

tempo. "Tradicionalmente, o estudante não é estimulado a estabelecer relações entre o que ele é e a realidade social que o cerca. Procuramos um novo caminho", avalia. Em seguida, são desenvolvidas atividades para que os alunos descrevam, via linguagem oral, escrita, gráfica ou pictórica, sua família, casa, sala de aula, escola, rua e bairro. "O aluno necessita conhecer seu espaço, analisá-lo e compreendê-lo para se sentir capaz de realizar uma transformação", diz Raimunda.

As preocupações com o ensino de Geografia já vinham da experiência de Raimunda como professora de primeiro e segundo graus que resultou na dissertação de mestrado, apresentada em 1990, na Faculdade de Educação da Unicamp, *Como o rio não cabia no meu mapa, eu resolvi tirá-lo...*, que expressa fala de um aluno de 4ª série diante de uma atividade desenvolvida em sala de aula. "Conteúdos tratados de maneira superficial, fragmentada e descontextualizada levavam os alunos a atividades mecânicas, reprodutivas e repetitivas", afirma.

O trabalho de Raimunda inclui estímulos para os alunos realizarem entrevistas com moradores, trabalhadores rurais e urbanos, comerciantes e industriais da região em que moram. "No início, tudo era ousadia, pois o que propúnhamos representava um rompimento com o que vinha sendo feito", conta. "Hoje, a produção de professores e alunos, como textos, desenhos, estudos do meio, poesias e músicas, é vista com mais naturalidade."

CD reúne três universidades estaduais

Obra do Grupo de Percussão do IA traz compositores da UNESP, USP e Unicamp

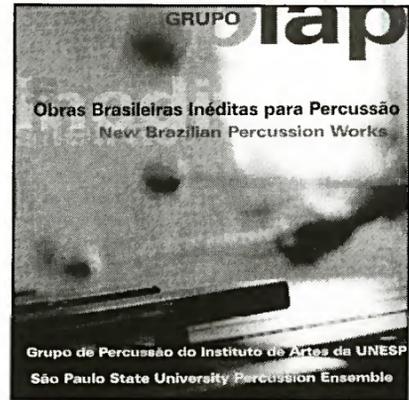
O apoio da Lei de Incentivo à Cultura do Estado de São Paulo (LinC) permitiu ao Grupo de Percussão do Instituto de Artes da UNESP (Piap/IA) o sonho de gravar um CD de obras de seis compositores vinculados às universidades públicas paulistas. "Eles foram comissionados para criar obras exclusivamente para nós", explica o professor de percussão John Boudler, regente e criador do Piap, em 1978. O resultado foi o CD *Obras Brasileiras Inéditas para Percussão (New Brazilian Percussion Works)*, com seis faixas compostas por seis compositores, dois de cada uma das três universidades estaduais paulistas – UNESP, USP e Unicamp.

O Piap foi criado como meio de aperfeiçoamento acadêmico-artístico de seus alunos e veículo para divulgação de repertório para percussão no Brasil. Integrado pelos alunos do bacharelado do curso de percussão do IA, conta hoje com 13 integrantes. "Para conseguir a verba para gravação do CD, nosso projeto foi um dos 65 aprovados entre as 708 propostas recebidas pela Secretaria de Cultura", conta o regente.

OBRAS INÉDITAS

Boudler lembra, com orgulho, que o Piap tem em seu currículo um primeiro lugar no II Prêmio Eldorado de Música (1986), o Prêmio Lei Sarney como revelação na categoria Grupo Instrumental (1988), e os prêmios Mambembe e Associação Paulista de Críticos de Artes de Melhor Trilha Sonora pela participação na peça *Pérgles, Príncipe de Tiro*, de William Shakespeare (1995). "A gravação de obras inéditas de seis compositores do sistema universitário paulista é mais um passo importante nessa carreira", diz Boudler.

Flo Menezes foi um dos compositores da UNESP escolhidos pelo Piap para participar do CD. Professor de Composição, Análise e Música Eletroacústica do IA, Menezes escreveu *On the other hand...*, estruturado inteiramente a partir do número 13. "Os instrumentistas são divididos em dois grupos: um, composto de teclados, e outro, de instrumentos metálicos. Há dois regentes e, em determinado momento, os instrumentistas executam,



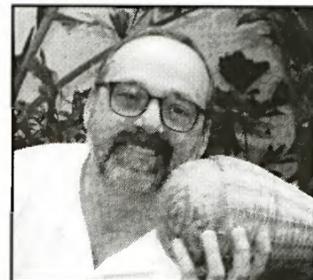
Reprodução

com uma mão, sons rarefeitos dos teclados e, com a outra, sons metálicos ressonantes, respondendo ora a um regente, ora a outro", explica.

O outro compositor do IA convidado foi Edmundo Villani Côrtes, professor de Composição e Contraponto. Segundo ele, em *Impressões de um ensaio geral*, procurou transmitir o ambiente tumultuado que precede um ensaio de escola de samba. "O badalar de sinos de uma igreja ao longe é o sinal de referência para o início do ensaio, que é interrompido por tiros e sirene de polícia", conta.

A gravação ocorreu, em novembro de 1997, no Studio PANorama, um dos principais estúdios de música eletroacústica do Brasil. "Sem dúvida, o CD contribuirá para a divulgação do repertório de percussão no Brasil", acredita Boudler. O trabalho inclui ainda *Tempestade Óssea*, de Mario Ficarella, e *Seres Imaginários*, de Eduardo Seincman, ambos compositores do Departamento de Música da Eca; e *Arapongas*, de José Augusto Mannis, e *Maranduba*, de Almeida Prado, professores de Composição na Unicamp.

"Nossas escolhas procuram valorizar compositores e docentes do sistema universitário do Estado de São Paulo, um dos melhores da América Latina", conclui Boudler. O CD custa R\$13,00, e pode ser adquirido na Livraria UNESP (Alameda Santos, 467; ao lado da Reitoria, em São Paulo) ou pelo telefone (011) 252-0630.



Hélio Toth

Boudler: passo importante

ARACATUBA

• Com o objetivo de treinar e atualizar os profissionais da área de odontologia, o Centro de Oncologia Bucal, da Faculdade de Odontologia (FO), oferece os cursos de extensão **Dor Orofacial e Crônica** e **Diagnóstico de Câncer Bucal**. "No curso de Dor Orofacial e Crônica, o profissional terá noções de articulação, técnicas de artrocentese, problemas de neuralgias e controle clínico", diz o odontólogo Norberto Perri Moraes, vice-supervisor do Centro de Oncologia Bucal e responsável pelo curso, a ser realizado de março a agosto deste ano, às sextas-feiras.

• Durante o curso de **Diagnóstico de Câncer Bucal**, que ocorrerá entre março de 1999 e março de 2000, às segundas-feiras, o profissional acompanhará os pacientes submetidos a cirurgia e radioterapia, ampliando seus conhecimentos sobre câncer bucal e tumores de boca. "O objetivo é fazer com que o profissional consiga um diagnóstico precoce do câncer, permitindo que o paciente seja submetido o quanto antes ao tratamento", explica Eder Ricardo Biazolla, supervisor do Centro de Oncologia Bucal. Inscrições até 28 de fevereiro. No Centro de

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS
PELAS UNIDADES NO MÊS DE FEVEREIRO

Oncologia Bucal da Faculdade de Odontologia. Informações: (018) 620-3275.

GUARATINGUETÁ

• Propiciar a formação de recursos humanos em gestão da inovação tecnológica e apresentar as principais ferramentas de gerenciamento na área em empresas, universidades e entidades públicas. Esses são os principais objetivos do curso **Organização e Gestão da Inovação Tecnológica**, que será realizado pelo Laboratório de Gestão do Departamento de Produção da Faculdade de Engenharia (FE) da UNESP, câmpus de Guaratinguetá, em parceria com o Centro de Estudos de Pósgraduação de Administração de Empresas da Universi-



dad Politécnica de Madrid. "O curso será realizado a distância, via Internet, com material didático em espanhol, tutoriais e avaliações presenciais", diz o matemático Ubirajara Rocha Ferreira, coordenador do Laboratório de Gestão. Inscrições até 1º de março. Informações: (012) 525-2800, ramal 189, com Margarida.

ILHA SOLTEIRA

• Voltado para profissionais em busca de aperfeiçoamento nas áreas de Física Matemática, Mecânica Clássica, Fundamentos de Eletromagnetismo e Fundamentos de Física Moderna, o curso de **Fundamentos de Física** acontece, de 8 de março a 30 de novembro, na Faculdade de Engenharia

(FE). As inscrições podem ser feitas de 22 de fevereiro a 5 de março. Informações: (018) 763-8129.

JABOTICABAL

• O uso de insumos agrícolas e o seu impacto no meio ambiente serão dois dos temas enfocados durante o **Simpósio sobre Micronutrientes e Elementos Tóxicos na Agricultura**, a ser realizado, de 23 a 26 de fevereiro, na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). O evento conta com a participação de especialistas internacionais, vindos do Canadá, Estados Unidos e Alemanha, além de cientistas de diversas instituições de ensino brasileiras. "Será abordado ainda o que diz o texto da legislação brasileira com relação ao meio ambiente e debatidas as legislações de outros países", conta o engenheiro agrônomo Manoel Evanisto Ferreira, coordenador do evento. Informações: (016) 323-2500, ramal 249.

Atenção, unidades:

Prazo para envio de informações para a Agenda:
- edição de março, 10/02
- edição de abril, 15/03
- edição maio, 14/04

Pesquisas mostram como as mulheres eram tratadas, nos tribunais, em processos de crimes por sedução

O ano passado foi marcado pelo escândalo da estagiária Monica Lewinsky. Seu relacionamento com o presidente norte-americano Bill Clinton trouxe à esfera pública uma questão sexual de cunho privado. Tratado com estardalhaço, claro, por envolver cenas de alcova com o homem mais poderoso do mundo, o fato, porém, não é nenhuma novidade. Como mostram recentes estudos realizados por pesquisadores da UNESP, a discussão, em tribunais, da vida privada de mulheres já ocorria no Brasil em plenos anos 30, principalmente nos processos que envolviam crimes de sedução — ou seja, aqueles delitos em que a mulher solteira, menor de idade e virgem, praticava o ato sexual sob coação ou seduzida pela promessa de casamento. “A vida sexual dessas mulheres era debatida sem pudor nesses processos”, diz Maria Paula Costa, 20 anos, terceiranista do curso de História da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Assis, que desenvolve projeto de iniciação científica sobre *Abusos Sexuais sobre Mulheres do Brasil dos Anos 30: um estudo a partir de processos criminais*.

Além de se basear em clássicos da historiografia, como Boris Fausto, a jovem pesquisadora teve como uma de suas fontes a dissertação de mestrado *Amores Ilícitos: discursos sobre a moral e a sexualidade feminina em crimes de sedução — Comarca de Assis, 1940/1968*, da historiadora Marlene Aparecida de Souza Gasque, apresentada na própria FCL. “Embora nossos trabalhos enfoquem épocas diferentes, mostram como a conduta e a sexualidade da mulher eram sempre questionadas e expostas publicamente nos processos que envolviam sedução”, diz Marlene, que atua como historiadora no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap), unidade auxiliar da UNESP (veja quadro).

PROCESSOS CRIMINAIS

Maria Paula está estudando especificamente a história de mulheres menores de idade que foram vítimas de abusos sexuais nos anos 1930, em Assis, cidade do Oeste Paulista. Suas fontes são os processos criminais daquela Comarca. “Vasculhei cerca de 2 mil caixas, encontrei 30 processos sobre crimes de sedução e analisei 12 deles”, conta a pesquisadora, cujo trabalho, orientado pelo historiador Milton Carlos Costa, professor do Departamento de História da FCL, recebeu bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). “A década é muito estudada politicamente, mas pouco se sabe a respeito dos comportamentos



Reprodução

do período”, diz o docente.

A pesquisa de Maria Paula toma os processos criminais como ponto de partida para entender como a justiça e a sociedade viam a mulher nesse período. O Código Penal vigente era o de 1890, que tratava do defloramento no artigo 267, que, para caracterizar o delito, exigia 21 anos como idade máxima da mulher, virgindade e confirmação da cópula. “Quando não havia violência, entrava em cena o elemento moral, que era o consentimento do ato sexual mediante sedução, como a promessa de casamento”, explica Marlene.

Enquanto Maria Paula analisou processos sobre todo tipo de abuso sexual, inclusive

estupro, Marlene estudou especificamente os crimes de sedução sem violência física. Ela delimitou a pesquisa entre 1940, quando foi instituído um novo Código Penal, e 1968, quando esse Código começou a ser questionado. “Em cerca de 10 mil processos, encontrei e analisei 72 casos de crimes de sedução”, conta a historiadora.

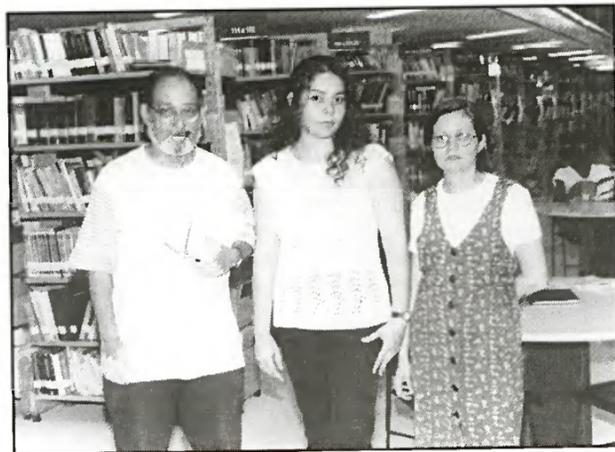
DEFLORAMENTO

O ano de 1940 é significativo, pois, enquanto o Código de 1890 falava em “defloramento”, que exigia rompimento do hímen, o de 1940 passou a utilizar, no artigo 217, a nomenclatura “crime de sedução”, entendido como aquele que viola a virgindade não só física, mas também moral da mulher antes do casamento. “O novo Código também diminuiu de 21 para 18 anos a tutela penal da mulher”, informa o advogado Luiz Antonio Hentz, diretor da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca (veja quadro).

Durante o inquérito por crime de sedução, um dos momentos mais humilhantes é o exame do corpo de delito, onde os órgãos genitais são minuciosamente analisados. “É fácil imaginar o grau de constrangimento que isso causa a uma mulher”, avalia Marlene. Em muitos processos criminais, as mulheres deixavam de ser vítimas e passavam a réis. “Os advogados de defesa do acusado tentavam mostrar que a moça não era ingênua, baseando seus argumentos numa suposta ‘conduta imoral’ antes da denúncia de sedução”, conta Maria Paula. “As mulheres que permitiram o livre aflorar de sua sexualidade e se afastaram do padrão modelar de mulher ‘honesta’ tinham sua vida arruinada e, após os processos, muitas vezes se envolviam com prostituição”, conclui a historiadora.

Oscar D’Ambrosio

Dores de amor



Hélio Toth

INQUÉRITO Costa, Maria Paula e Marlene: processos e prostituição

PROTEÇÃO LEGAL À VIRGINDADE

O crime de sedução está previsto no artigo 217 do Código Penal brasileiro. Prevê a pena de 2 a 4 anos de prisão para a sedução da “mulher virgem, menor de 18 anos e maior de 14 anos, e ter com ela conjunção carnal, aproveitando-se de sua inexperiência ou justificável confiança”. Se for menor de 14 anos, será caso de estupro por violência presumida. “A idéia original do dispositivo legal de 1940 era proteger a virgindade da mulher. Com os avanços do comportamento sexual a partir dos anos 1960, ele perdeu o sentido, mas continua em vigor”, diz o advogado Luiz Antonio Soares Hentz, professor e diretor da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca. “Hoje, no mundo da informação em que vivemos, poucas moças virgens poderiam preencher o requisito ‘inexperiência’ exigido pela lei”, completa Hentz.

(O.D.)

MANANCIAL DE PESQUISAS

Mais de cem pesquisadores da UNESP, de outras universidades brasileiras e mesmo do Exterior já se beneficiaram do acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap), unidade auxiliar da FCL. Criado em 1973, com a finalidade de propiciar condições favoráveis ao exercício da pesquisa histórica, o Cedap conta hoje com arquivos e coleções provenientes de convênios entre a Universidade e instituições públicas ou privadas, além de doações. “Isto aqui é um manancial inesgotável de pesquisas”, diz a historiadora Zélia Lopes da Silva, vice-supervisora do centro. Entre os destaques do acervo, está o Arquivo do Fórum da Comarca de Assis, utilizado na pesquisa de iniciação científica de Maria Paula, composto por cerca de 190 mil processos cíveis, criminais, trabalhistas e comerciais; e as 64 caixas do Arquivo José Nazareno Mimessi, sobre a arte primitiva brasileira, além de periódicos culturais e literários que circularam no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX.

(O.D.)